

Credores rechaçam proposta do Brasil

15-3-89

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os banqueiros estão descontentes com a contraproposta feita pelo Governo brasileiro. Eles a consideram inaceitável, pois ela é equivalente a apenas 30% do total que eles pretendiam receber agora. Os credores do Brasil exigiam um pagamento de US\$ 2,5 bilhões, referentes a uma parte dos atrasados (US\$ 8 bilhões) para começar a renegociar um pacote. O Palácio do Planalto lhes ofereceu US\$ 750 milhões para início de conversa, segundo revelou um dos envolvidos nas negociações em Nova York.

Tal pagamento seria feito no dia 28 de dezembro. Ele, no entanto, estaria sujeito ao desenvolvimento das transações entre ambas as partes: só seria feito se até aquela data tivesse surgido um acordo de princípios com relação ao novo pacote.

Uma segunda parcela, essa no valor de US\$ 2 bilhões, seria paga no primeiro trimestre do ano que vem. E o restante seria transformado em bônus, que teriam juros baixos.

De acordo com uma das versões colhidas pelo GLOBO, os banqueiros sentiram o primeiro choque quando Dauster lhes disse que o Brasil estaria disposto a pagar 15%, o que, segundo os cálculos dos credores, daria cerca de US\$ 1,2 bilhão. Ou seja: pouco menos da metade da quantia que eles exigiam.

O descontentamento seria acentuado logo depois quando o negociador brasileiro comunicou que os 15% não atingiriam uma parte dos atrasados. Mais precisamente o débito de algumas estatais, pelo fato de elas ainda não terem transferido o dinheiro devido ao Banco Central. Ou seja: o Governo teria alegado que não pode pagar o que os bancos exigem, porque tampouco teria recebido atrasados de alguns de seus próprios devedores — no caso, companhias do próprio Governo.

— A nossa grande diferença, no fundo, está nas cifras e não na mecânica do processo. Um fato positivo nesses contatos é que o Brasil pelo menos já se dispõe a conversar sobre os atrasados. Pelo jeito, ainda vamos ter muito o que conversar — comentou um dos banqueiros.



Dauster: Brasil só quer pagar 30% do que os credores esperavam receber